

RESSALVA

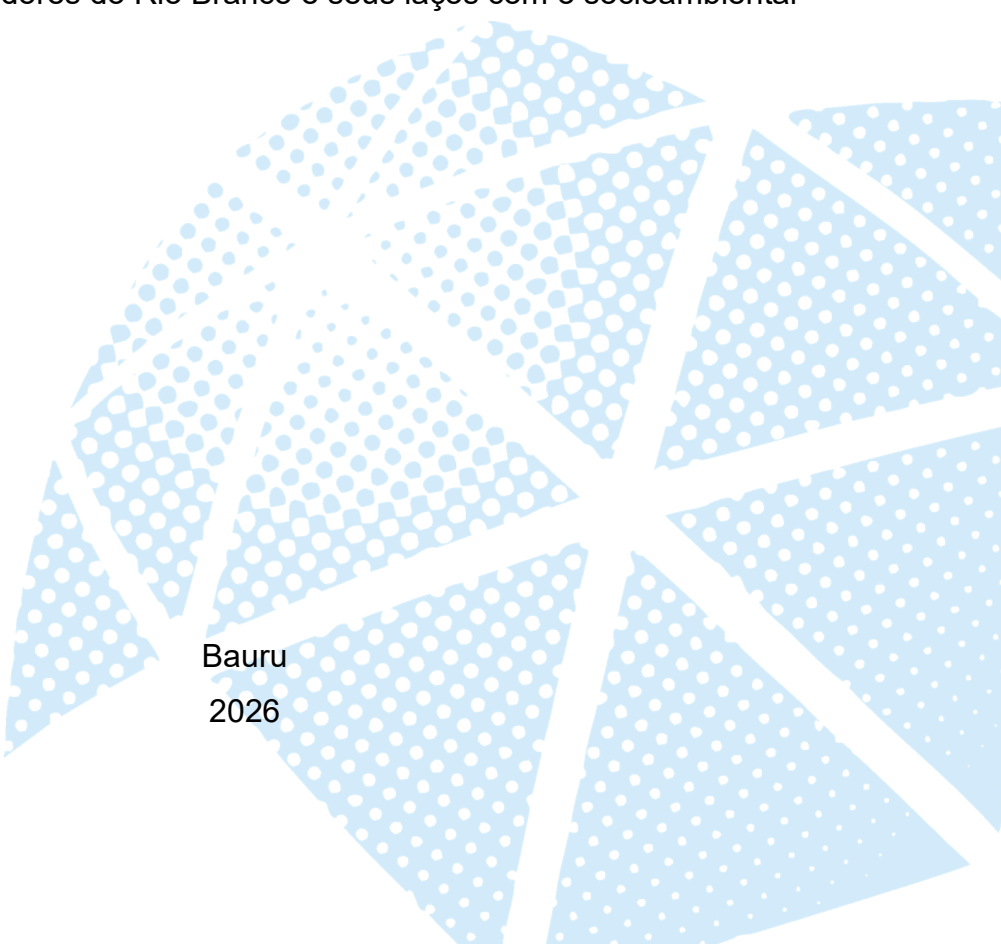
Atendendo a solicitação do(a) autor(a), Elisa Angela da Silva Santos, o texto completo deste documento será disponibilizado somente a partir de 05/03/2028.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências - Campus de Bauru

ELISA ANGELA DA SILVA SANTOS

SÃO VICENTE “DA PONTE PRA LÁ”:
as narrativas de moradores do Rio Branco e seus laços com o socioambiental

Bauru
2026



ELISA ANGELA DA SILVA SANTOS

SÃO VICENTE “DA PONTE PRA LÁ”:

as narrativas de moradores do Rio Branco e seus laços com o socioambiental

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências (UNESP), Bauru, para obtenção do título de Mestre em Educação para a Ciência.

Área de Concentração: Ensino de Ciências

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Biscalquini Talamoni

Coorientadora: Profa. Dra. Bruna Larissa Ramalho Diniz

Bauru

2026

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ELISA ANGELA DA SILVA SANTOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 04 de março de 2026, às 9h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ELISA ANGELA DA SILVA SANTOS, intitulada "São Vicente"da ponte pra lá": as narrativas de moradores do Rio Branco e seus laços com o socioambiental". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANA CAROLINA BISCALQUINI TALAMONI (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências Biológicas e Ambientais / UNESP / Câmpus do Litoral Paulista - IBCLP, Profa. Dra. LAISE VIEIRA GONÇALVES RIBEIRO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Biologia / Universidade Federal de Lavras, Profa. Dra. MARIA DE LOURDES SPAZZIANI (Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação / UNESP / Câmpus de Botucatu - IBB, Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Documento assinado digitalmente
 ANA CAROLINA BISCALQUINI TALAMONI
Data: 04/03/2026 11:59:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. ANA CAROLINA BISCALQUINI TALAMONI

Santos, Elisa Angela da Silva.

São Vicente "da ponte pra lá": as narrativas de moradores do Rio Branco e seus laços com o socioambiental / Elisa Angela da Silva Santos. - Bauru, 2026
159 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Ana Carolina Biscalquini Talamoni

1. Área continental de São Vicente. 2. Educação ambiental sintrópica. 3. História oral. 4. Injustiças socioambientais. 5. Narrativas não dominantes. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. São Vicente "da ponte pra lá": as narrativas de moradores do Rio Branco e seus laços com o socioambiental.

Dedico este trabalho às pessoas que eu
mais amo na vida: minha mãe, Daniela;
meu pai, Israel; e meu irmão, Daniel.

AGRADECIMENTOS

Muitas vezes indo trabalhar, no ônibus, eu sonhava longe com os agradecimentos da dissertação, idealizando o trabalho todo finalizado e ao mesmo tempo sem nem saber se eu realmente conseguiria.

Nunca foi uma opção desistir, mas, como as oportunidades não são as mesmas para as pessoas, em vários momentos eu duvidei que isso de fato daria certo.

Mas deu.

E a explicação mais forte para isso é a minha família e a minha fé, que me sustentaram até aqui.

Por isso, agradeço à minha mãe, Daniela Maria da Silva, minha base e inspiração de vida.

Ao meu pai, Israel Angelo dos Santos, minha referência de fé, paciência e bondade.

Ao meu irmão, Daniel Angelo dos Santos, meu protegido e por quem eu sempre vou lutar para que voe longe com sua essência tão linda.

Por vocês, eu faria tudo e qualquer coisa.

Obrigada por tudo e por tanto.

Agradeço ao meu bem, Marcio, parceiro na vida e no amor, e sempre o meu abraço de paz no meio da desordem.

Ao meu tio Ezequiel, que tanto já me ajudou e por quem eu tenho tamanho carinho e admiração.

À minha tia Andréa, que tem um coração lindo e é tão especial para mim, como uma segunda mãe.

À tia Selma (em memória), minha eterna protetora dos animais.

À minha tia Maria, por todo o carinho e, especialmente, pelas lembranças da infância e adolescência.

À minha tia Sandra, pelo afeto eterno.

Às minhas avós Galdina e Maria Isabel, flores da minha vida e por quem eu tenho o máximo respeito. Queria poder dar tudo para vocês e, principalmente, apagar todo o sofrimento que já viveram.

Aos meus amigos e amigas: Débora, que é radiante como o Sol; Tom, meu insubstituível melhor amigo; Isis e Lê, que tornaram mais leve alguns caminhos difíceis. Cássia, uma das minhas pessoas favoritas; Pérola, que tanto admiro; Kharem, poesia gentil da natureza; Gabriel e Bruno, por tudo o que vivemos e compartilhamos em um mesmo lar. Vanessa, Lu, Luiz, Isa e Francisco, inesquecíveis.

Ao Grupo de Estudos Interdisciplinares e ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Sustentabilidade e Ambientalização por todo acolhimento, diálogo e partilha.

Ao meu primo e primas, que conhecem a raiz da minha essência: Nathan, Daninha, Sarah e Poli, a nossa conexão é eterna!

À minha orientadora, professora doutora Ana Carolina Biscalquini Talamoni, querida Carol, que me acolheu desde o início, sempre com tanto cuidado e paciência, nutrindo minha visão de mundo-vida com grande carinho recíproco. Você é referência para mim! Intelectual e humana.

À minha coorientadora, professora doutora Bruna Larissa Ramalho Diniz, que me apresentou a história oral através de seu trabalho tão lindo e potente.

Às professoras doutoras Maria de Lourdes Spazziani e Laise Vieira Gonçalves Ribeiro, membras da banca — que é majoritariamente feminina, tão potente e humana. Obrigada pelos olhares e contribuições cheios de poder e delicadeza, como uma poesia subversiva.

Aos professores e professoras que tive durante toda a minha vida, especialmente alguns que a marcaram: dona Mônica, Alíssia, Niltinho, Murilo, Bia, Marcela, Júlia, Carol, Leandro, Cris, Fábio, Denise e Lourdinha.

Aos meus queridos estudantes do Cursinho Caiçara, da Universidade Aberta à Terceira Idade, do Bio Tátil e do Colégio Luiz Júnior, por quem criei grande afeto e me senti motivada a movimentar rumo a uma educação transformadora e acessível.

Vocês são parte do meu processo de metamorfose-educação e também são o motivo desse trabalho.

Por fim, aos cinco moradores do bairro Rio Branco, que me receberam no conforto de suas casas — lugares particulares e de tanto significado — sem nem me conhecer. Compartilharam comigo as suas histórias; reviraram lembranças (boas e ruins) e despertaram em mim sinestesia poética.

Ana, Vitória, Rosa, Cícero e Pedro, suas narrativas são preciosas!

Da calma e do silêncio

“Quando eu morder a palavra,
por favor, não me apressem,
quero mascar, rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano do verbo,
para assim versejar o âmago das coisas.
Quando meu olhar se perder no nada,
por favor, não me despertem,
quero reter, no adentro da íris,
a menor sombra, do ínfimo movimento.
Quando meus pés
abrandarem na marcha,
por favor, não me forcem.
Caminhar para quê?
Deixem-me quedar, deixem-me quieta,
na aparente inércia.
Nem todo viandante anda estradas,
há mundos submersos,
que só o silêncio da poesia penetra”.
(Conceição Evaristo, 2017)

RESUMO

Injustiças socioambientais são as consequências de um sistema de vida pautado no progresso econômico. Nele, as desigualdades são escancaradas, perdem-se valores como a solidariedade, e a relação metabólica entre humanidade e natureza é fragilizada, alimentando a entropia (desorganização) social. Buscando formas de resgatar e nutrir relações planetárias harmônicas, a educação ambiental (EA) sintrópica emerge como possibilidade de vislumbrar e fortalecer a vida em sintropia (organização) com o mundo. Nesse processo, as narrativas das pessoas têm poder subversivo, pois contextualizam e dão sentido real aos processos educativos. Diante do exposto, este trabalho teve como objetivo geral: identificar e analisar, por meio de histórias de vida, evidências das desigualdades socioambientais vivenciadas por moradores do bairro Rio Branco de São Vicente, SP. Os objetivos específicos foram: (1) mapear as políticas ambientais do município, visando melhor contextualizar o território estudado; (2) identificar convergências nas histórias de vida, tecendo discussões acerca da coletividade encontrada; e (3) discutir caminhos da educação, articulando histórias de vida, desigualdades socioambientais e princípios da EA sintrópica. À luz da história oral — metodologia que traz narrativas não dominantes para transitar na ciência — os achados permitiram: (I) refletir sobre o modo capitalista de viver e suas consequências; (II) analisar e discutir desigualdades; (III) dialogar sobre possibilidades de outros mundos e formas de vida; (IV) evidenciar a importância da escuta nos processos educativos; e (V) ensaiar projeções sintrópicas no campo da educação. Entre conclusões e perspectivas, a EA sintrópica é afirmada como prática de liberdade, e valorizada como uma potência subversiva em sociedades desiguais.

Palavras-chave: área continental de São Vicente; educação ambiental sintrópica; história oral; injustiças socioambientais; narrativas não dominantes.

ABSTRACT

Socio-environmental injustices are the consequences of a way of life based on economic progress. In this system, inequalities are blatant, values such as solidarity are lost, and the metabolic relationship between humanity and nature is weakened, fueling social entropy (disorganization). Seeking ways to rescue and nurture harmonious planetary relationships, syntropic environmental education emerges as a possibility to envision and strengthen life in syntropy (organization) with the world. In this process, people's narratives have subversive power, as they contextualize and give real meaning to educational processes. Given the above, this work had the general objective of: identifying and analyzing, through life stories, evidence of socio-environmental inequalities experienced by residents of the Rio Branco neighborhood in São Vicente, SP. The specific objectives were: (1) to map the municipality's environmental policies, aiming to better contextualize the studied territory; (2) to identify convergences in life stories, weaving discussions about the community found; and (3) discuss pathways of education, articulating life stories, socio-environmental inequalities, and principles of syntropic EA. In light of oral history—a methodology that brings non-dominant narratives into the field of science—the findings allowed us to: (I) reflect on the capitalist way of life and its consequences; (II) analyze and discuss inequalities; (III) dialogue about possibilities of other worlds and ways of life; (IV) highlight the importance of listening in educational processes; and (V) explore syntropic projections in the field of education. Between conclusions and perspectives, syntropic EA is affirmed as a practice of freedom and valued as a subversive force in unequal societies.

Keywords: continental area of São Vicente; non-dominant narratives; oral history; socio-environmental injustices; syntropic environmental education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Localização geográfica de São Vicente, SP	54
Imagem 2 – Localização geográfica do bairro Rio Branco.	71
Imagem 3 – A falta de acessos em boas condições tem causado transtornos aos moradores do Jardim Rio Branco	77
Imagem 4 – Manguezal	88
Imagem 5 – Ponte dos Barreiros	89
Imagem 6 – Local do lixão, segundo dona Ana	99
Imagem 7 – Ecoponto	100
Imagem 8 – Subprefeitura	100
Imagem 9 – Ônibus amarelo de São Vicente	104
Imagem 10 – Posto de saúde	107
Imagem 11 – Reconstrução fotográfica do bairro Rio Branco na década de 70, gerada por inteligência artificial e a partir de instruções da autora	110
Imagem 12 – Supermercado Mini preço – marca o início do bairro	111
Imagem 13 – Ceama	116
Imagem 14 – Local correto do lixão	126
Quadro 1 – Distribuição territorial do município de São Vicente, SP	56
Quadro 2 – Construção das categorias analíticas do <i>corpus</i>	59
Quadro 3 – Categorização dos achados na busca pelas políticas ambientais municipais	63

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	14
2 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES.....	23
3 ENTROPIA: O PROCESSO DE AFASTAMENTO HUMANO-NATUREZA	26
3.1 O MICROCOSMO DA DESIGUALDADE.....	31
4 SINTROPIA: O “CAMINHO DE VOLTA”	37
4.1 BEM VIVER	38
4.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL SINTRÓPICA COMO PRÁTICA DE LIBERDADE	43
5 SÃO VICENTE, LITORAL CENTRO DE SÃO PAULO	51
5.1 BREVE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO.....	51
5.2 O ESTADO DO CONHECIMENTO DAS POLÍTICAS AMBIENTAIS MUNICIPAIS.....	56
5.3 SÃO VICENTE “DA PONTE PRA LÁ”: O BAIRRO RIO BRANCO	70
6 METODOLOGIA: HISTÓRIA ORAL.....	78
6.1 O PROCESSO DE ENCONTRO COM OS DEPOENTES.....	83
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	85
7.1 O CAMINHO NARRATIVO	85
7.1.1 TERÇA-FEIRA, 25 DE MARÇO DE 2025: DONA ANA	86
7.1.2 SEGUNDA-FEIRA, 02 DE JUNHO DE 2025: SEU CÍCERO	92
7.1.3 QUINTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 2025: DONA VITÓRIA.....	98
7.1.4 QUARTA-FEIRA, 16 DE JULHO DE 2025: DONA ROSA.....	102
7.1.5 SEGUNDA-FEIRA, 21 DE JULHO DE 2025: SEU PEDRO	107
7.2 CONVERGÊNCIAS DE VIDA.....	115
7.2.1 “SE ESSA RUA FOSSE MINHA”	115
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS.....	137

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	156
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA	158
APÊNDICE C - CARTA DE CESSÃO	159

1 APRESENTAÇÃO

Eu cresci ouvindo de minha mãe que a gente que é pobre só ganha a vida se for estudando.

Ela dizia que trabalharia dia e noite, se fosse preciso, para que eu pudesse me formar e trabalhar com o que eu escolhi — porque ela não pôde.

Meu pai e minha mãe se conheceram por telefone, por intermédio de um amigo em comum.

Minha mãe morava em Agudos (onde eu nasci), e meu pai, em Caieiras (onde eu vivi meus 10 primeiros anos na Vila Rosina, comunidade que tem o meu coração e nostalgia).

Com parentes em duas cidades distantes, a gente mandava e recebia cartas pelo correio. Não lembro se tínhamos celular ou telefone, mas as cartinhas são as lembranças mais marcantes de nossa comunicação nessa época — e são algumas das preferidas na minha caixa de memórias.

Eu lembro de guardar todas as cartas e de ter muitas fotos reveladas em casa.

Escrever para pessoas especiais foi um costume que permaneceu em minha vida, e rever fotos antigas é sempre muito nostálgico.

Além das cartinhas, lembro que os meus pais tinham o costume de ler quando eu era pequena. Os livros do meu pai eram todos sobre história — principalmente da religião —, e os da minha mãe, romance, e sempre bem tristes e reais: o caçador de pipas, o silêncio das montanhas, a cidade do sol.

Assimilando questões da infância com comportamentos gerais, essas memórias de leitura e escrita dentro de casa trazem muito sentido para algumas coisas em minha trajetória.

A gente sempre teve uma vida muito simples, meus pais nunca tiveram trabalhos que possibilitassem a ascensão social, mas a educação sempre foi prioridade. Na verdade, não são ideias contrárias. Eu sou parte de uma família simples em que os estudos eram a base para tudo.

Máximo respeito pelos professores. Boas notas como exigência. Estudar era um caminho inegociável.

Meus professores sempre foram os meus mestres, mas hoje eu sei que minhas primeiras e mais fortes inspirações vieram de meu pai e de minha mãe.

Israel

Meu pai gostava muito de estudar. Sempre reconhecemos em casa o quão inteligente ele é.

Com filhos para criar, sem privilégios e tantas escolhas, trabalhou a maior parte da vida como motorista e pedreiro, mas ele tinha vontade de estudar história.

Fez o Enem; conseguiu bolsa integral em relações públicas pelo Prouni¹. Lembro que a gente comemorou muito.

Com tanto custo e esforço, se formou. Só ele sabe, verdadeiramente, o valor daquele diploma.

A gente em casa acompanhou de perto, mas só hoje eu tenho consciência do quão forte e persistente meu pai foi.

Ainda sem privilégios e tantas escolhas, ele nunca conseguiu trabalhar na área, mas é inenarrável o tamanho do meu orgulho por ele, que segue estudando sempre que pode.

Ele é o homem mais calmo que eu conheço, e isso transborda uma paz que aconchega.

Meu pai é meu exemplo de bondade.

Daniela

Minha mãe sempre teve muita poesia no seu jeito de viver. Tenho lembranças perfeitas dela cantando no quintal as músicas de legião urbana.

Suas fotos antigas passam a ideia de que ela tinha um espírito livre, e representam como eu gostaria de ser.

O jeito que ela fala dos CDs que tinha na adolescência.

Os livros que gostava de ler.

O jeito que ela fala sobre sua infância e seu pai. Deve ter sido ele quem passou toda a bondade para as gerações que vieram depois dele. Acho que se eu o tivesse conhecido, desejaria que sua sensibilidade sobrevivesse a esse mundo.

Minha mãe é mesmo uma força da natureza, com potência e delicadeza na mesma medida.

¹ Programa Universidade para todos. Através dele, são oferecidas bolsas totais e parciais em universidades particulares para estudantes de baixa renda. O acesso é realizado com base na nota do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio).

Ela, também com uma vida sem privilégios e tantas escolhas, fez supletivo quando eu era criança e, depois de alguns anos, entrou no curso técnico de nutrição na Etec (Escola Técnica Estadual).

Não conseguiu finalizar.

Tinha filhos para criar; um trabalho cansativo; colocava a gente como prioridade em tudo e tudo o que era para ela vinha sempre depois.

Começou a graduação em serviço social, mas, pelos mesmos motivos, não conseguiu terminar.

Às vezes penso que eu poderia ter ajudado e incentivado mais.

Ela sempre disse e ainda diz o quanto gostaria de estudar. Mas ela ainda vai, eu tenho certeza disso. E não vai demorar.

Daniel

Quando eu tinha 9 anos, meu irmão nasceu.

Daniel. Uma mistura de Daniela com Israel.

Quando ele tinha 9 anos, eu saí de casa para estudar.

Saí de uma cidadezinha que tem só 3 prédios para morar ao lado da cidade mais verticalizada do Brasil².

Sinto que perdi muito da infância e pré adolescência dele, e ainda é difícil não me culpar por isso.

Hoje, já com 17 anos, ele é o meu adolescente preferido no mundo e um poço de inteligência. Meu maior orgulho e amor.

Quando vejo aquele céu azulzinho claro; quando sinto a brisa do mar calmo em um dia de praia vazia; quando eu enxergo e sinto Deus; quando é feriado e se tem um quintal, um vira-lata e uma rede, eu sempre lembro dele.

Coisas leves e doces.

Minha história é individual, mas é também coletiva.

Desde a adolescência, acho que por todo esse valor que a educação tinha lá dentro de casa, mesmo confusa com a escolha de profissões, eu sempre tive para mim que seria professora.

² De acordo com as informações do Censo de 2022, Santos “é a cidade com a maior quantidade de apartamentos em relação a qualquer outro tipo de domicílio do Brasil” (Santos [...], 2024, n.p.).

Olhando para trás, sempre tive uma conexão forte com a natureza e nela encontrava inspiração.

Gostava muito de escrever e tirar fotos, e caminhar pelos espaços de Agudos: tão calmos, vazios do caos e cheios de árvores, expandiam meu olhar para o mundo.

Lá, até o cheiro da rua é diferente. É um cheiro bom de interior.

Durante toda a minha adolescência — apesar de olhar para trás e perceber que eu tinha tudo — eu tinha uma vontade grande de voar.

Para outras cidades.

Outros lugares.

Descobrir o que tinha para além daquela cidadezinha com só 3 prédios.

Em 2018, passei na Unesp de São Vicente.

Com a notícia, explodi de felicidade.

Lembro de ficar aquele dia inteirinho só acompanhando cada atualização no grupo de calouros do Facebook, e imaginando como seria morar na praia.

Meus pais ficaram radiantes, claro, mas preocupados porque era muito longe.

Como a gente faria para me manter em São Vicente?

Tem coisa que a gente só aceita e entrega na mão de Deus.

Na época, eu trabalhava em uma escola só com gente querida. Lembro que fizemos um acordo e, assim, eu teria um dinheiro para receber.

No meu último dia, ganhei uma surpresa de despedida com uma vaquinha de pessoas especiais que me incentivaram nesse momento.

Néia, Lu e Gi são inesquecíveis para mim.

Lá em casa, a simplicidade nunca foi sinônimo de falta. Pelo contrário. Sempre teve muita fartura do que era necessário e suficiente para uma vida feliz e cheia de amor.

Eu tinha um dinheiro para começar, muito apoio, e a vaga garantida.

Entrar em uma universidade pública significava muito para mim.

De toda a minha família — materna e paterna —, dá para contar nos dedos de uma mão quem fez graduação.

Nesse contexto em que a classe social limitou muitos acessos, inclusive à educação, significava riqueza o que eu buscava e tinha conseguido.

Olhando para a história da minha família, foi mais uma quebra de ciclo.

As coisas vão melhorando.

Mesmo no cosmos da desigualdade, e a nível de informação à elite, filha de empregada doméstica e de pedreiro também sai de casa para estudar em grandes universidades.

Nos cenários do trabalho de minha mãe eu tinha muitos incômodos e questionamentos.

Curiosidade para com as ações das pessoas e seus modos de viver.

Por que tanta discrepância?

Como pobre só ganha a vida se for na base dos estudos, eu venho estudando para um dia poder proporcionar melhorias para a minha família.

Já quis muito abraçar o mundo e as pessoas — em especial as crianças — que sofrem com as injustiças socioambientais. Com mais consciência em relação a desigualdade sistêmica, prezo pela vitória de quem eu amo junto às minhas conquistas.

Como não posso abraçar o mundo, quero, através de meus estudos, refletir, dissertar, propor, investigar, possibilitar, tentar... coisas que vão no sentido contrário de cooperar com a segregação social que é suja e desumana.

E enxergo que o caminho para isso é a educação, porque reconheço que ela mudou a minha vida.

O custo de voar para longe das raízes

É confuso o sentimento que vem junto com a realização do voo.

No paradoxo total da vida, os sonhos trazem alegrias e também tristezas.

Meu primeiro ano de graduação foi o das descobertas. Me sentia — e ainda me sinto um pouco — um bicho do mato introduzido em uma comunidade moderna. Em Agudos eu tinha contato com tudo, mas lá o silêncio, o lado bom da simplicidade e a calma se fazem muito mais presentes.

Mesmo com a sensação incômoda que chegar em um lugar totalmente novo traz, eu mergulhei nas experiências de uma caloura de licenciatura em biologia. Conheci pessoas que vieram para ficar, e me descobri em muitos aspectos.

Nessa época, minha vida era a faculdade: meus amigos; os projetos, tudo girava em torno do CLP. E foi quando eu mais me afastei de minha família, porque estava imersa no mundo da graduação.

No segundo ano, as coisas já mudaram um pouco. Maiores responsabilidades. Alguns desentendimentos. Sentimentos e vontades confusas. Eu tinha me encontrado na educação, mas não na biologia.

No final do ano, veio a pandemia de Covid-19. Também comecei a namorar quem hoje é meu noivo.

Um misto de sentimentos.

Nesse tempo de pandemia — em que as coisas estão todas misturadas e parece que tudo aconteceu em um único ano —, acho que o que ficou mais forte em mim foi o medo. Eu tinha muito medo de perder alguém da minha família e não conseguir chegar a tempo. E foi o que aconteceu com minha tia Selma. Ela era uma das pessoas mais bondosas que eu já conheci, e me visitou no sonho mais lindo que eu já tive.

Em meio a todas essas misturas de acontecimentos durante a pandemia, me reconectei com minhas raízes e passei a enxergar Agudos como o meu lugar favorito no mundo.

Lá tem tudo o que eu descobri que mais importa: calma e família. Tranquilidade e amor. Paz.

Olhando para tudo o que vivi quando cheguei em São Vicente, penso em destino. Algumas pessoas que encontrei aqui são como presentes de Deus. Eu não acho que as encontraria se não tivesse vindo para cá.

Minha reconexão com a natureza e meu encontro com a educação também foram firmados em São Vicente.

Ela é, portanto, uma cidade muito importante para mim.

Mas nela eu tive também o contato com o caos verdadeiro.

Mudei traços em minha personalidade. Acelerei meu jeito de ser.

E a ansiedade me acompanha até então.

Quando me formei, fui trabalhar em uma escola particular no bairro Rio Branco e peguei algumas aulas substitutivas no Estado. Eu amava o contato com os estudantes, mas aquela rotina me sugava.

Ser professora é ser tanta coisa...

No Rio Branco, fui desafiada a conversar sobre desenvolvimento sustentável com moradores de um bairro que é negativamente afetado por esse mesmo desenvolvimento mascarado.

Naquele momento, percebi que em minha formação não tive acesso a uma educação ambiental que me ajudasse a olhar para as diferentes realidades como um ponto de partida no tratamento de temas socioambientais.

Foi um processo de construção e aprendizado com os meus estudantes.

Estudantes.

Lembro que meu professor de filosofia do segundo ano do Ensino Médio não admitia chamar a gente de “aluno”. Ele dizia que significava “sem luz”, e que aquilo não tinha nada a ver com a gente. Eu já pesquisei sobre isso e parece que não é real, mas o professor Niltinho, naquela época, era um dos poucos que nos incentivava a lutar e estudar para mudar nossa realidade, então levei esse ensinamento para o coração.

Por isso, me refiro aos meus estudantes.

Eu acho que eles não imaginam o quanto foram e são importantes para mim. Muita coisa surgiu dali — mesmo que eu estivesse a ponto de um esgotamento —, inclusive esse trabalho, que emergiu naquela escola a partir da procura por outros caminhos que levassem sentido à minha prática.

Naquele época, eu tinha uma vontade muito grande de fazer mestrado e, depois de uma conversa muito importante com alguém muito especial, decidi tentar. Foi tudo na correria. Para mim, aquela seria só uma tentativa para ver como seria.

Quando deu certo, eu não acreditei. Parecia muito distante, mas vi que era realmente possível.

Concillei, então, o primeiro semestre de mestrado com as aulas na escola. Isso é algo super comum, mas eu estava realmente esgotada. Cansada; mais ansiosa do que o normal; o despertador me dava taquicardia; meu físico também estava afetado.

No segundo semestre, as disciplinas eram todas presenciais em Bauru. Eu morava em São Vicente.

Com essa mania de ter pressa — de conseguir e de concluir as coisas no tempo —, somada ao meu esgotamento físico e mental, eu decidi sair da escola.

Resolvi que ficaria na casa de minha família para finalizar as disciplinas.

Como a vida é um paradoxo completo, foi muito bom e difícil fazer essa escolha.

Bom porque meu corpo e mente estavam pedindo, e porque estar junto de minha família — no meu lugar preferido do mundo — era tudo o que eu precisava naquele momento.

E difícil porque, tendo construído minha vida em São Vicente, o lado financeiro era o que mais preocupava. Além disso, voltar para a vida de permanência estudantil não seria fácil. Eu estava formada e me dedicando muito ao meu trabalho; deixá-lo e voltar para a casa dos meus pais era uma ideia socialmente não aceita.

No fim, só eu sabia o que seria bom para mim. E as pessoas que realmente importavam estavam me apoiando.

Sem mais me prolongar, deu tudo certo.

Saúde e financeiro se ajeitaram, e havia um novo caminho para mim no mundo da educação: o da pesquisa.

Nela, eu me encontrei. Até do percurso solitário eu gosto.

O silêncio e a solidude colocam muita coisa no lugar.

Mas podem bagunçar mais que uma multidão também.

Tem dias que quero escrever um livro, mas não sai um parágrafo.

Em outros, algumas páginas fluem e é como se elas compensassem uma semana inteira de bloqueio na escrita.

É como todo o resto na vida.

Aperta; afrouxa; pede coragem.

Nesse lugar, me sinto confortável, mas com a consciência da importância de pisar no chão da sala de aula — para onde ainda quero e sei que preciso voltar.

São Vicente “da ponte pra lá”: as narrativas de moradores do Rio Branco e seus laços com o socioambiental

Como autora deste trabalho, quando falo “do outro lado da ponte”, me refiro à ponte dos barreiros³ quando o ponto de referência é a área continental de São Vicente.

Por isso, me refiro ao Rio Branco como um bairro “da ponte pra lá”, mencionando uma música⁴ que fala sobre a divisão social existente, e traz a ponte como um marco que deixa visível onde termina o rico e começa o pobre.

Nesse cenário, as narrativas de pessoas que são afetadas negativamente por essa discrepância têm uma importância subversiva.

São o ponto de partida para tudo o que discutimos e estudamos no campo socioambiental.

³ Estrutura que liga as áreas insular e continental de São Vicente, SP.

⁴ Da ponte pra cá, canção de Racionais MC's.

São vozes ecoadas.

Representatividade e contextualização.

Para tanto, por intermédio da história oral — metodologia que valoriza a voz daqueles que não transitam na ciência, invertendo essa questão — esse trabalho desponta como um entrelaçamento das narrativas de cinco moradores do bairro Rio Branco com as dimensões socioambientais.

Narrativas essas que perpassam por desigualdades, histórias singulares e coletivas; e reflexos da simbiose entre meio ambiente e sociedade, mediada por um sistema injusto que insiste em fragilizar essa conexão.

A educação — como algo potente e subversivo —, é peça chave nesse contexto, e sua face, a educação ambiental, é trazida neste trabalho como componente de um caminho na busca da vida em equilíbrio com o mundo.

Este trabalho, entre tanta coisa e significado, nasceu de indignações e questionamentos acerca das injustiças socioambientais; da esperança na educação como ferramenta transformadora; e da fascinação pelas histórias das pessoas, que podem não justificar, mas explicam tudo.

no ensino formal ou informal —, e nutrir a educação como prática de liberdade, defendida como processo de transformação potente.

Dessa forma, as narrativas dos depoentes aqui trazidas não se apresentam apenas como relatos de vida, mas como algo profundo que permite a construção de possibilidades pautadas na escuta. Nesse caminho, aqueles afetados pelas desigualdades encontram instrumentos para refletir sobre suas próprias situações e arquitetar novas formas de existir e resistir no mundo. As narrativas, portanto, não apenas encontram caminhos na EA sintrópica, como as nutrem enquanto vertente comprometida com a vida planetária e suas singularidades.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com as histórias de vida dos depoentes abriu caminhos para reflexões e interpretações diversas.

Em primeiro lugar, a ideia de que tudo merece um olhar único.

Dona Ana encontrou na religião as forças necessárias para enfrentar as dificuldades da vida. Sua casa e sua menção a família remetem ao aconchego.

Seu Cícero demonstrou grande orgulho pelo bairro Rio Branco, preza muito pelo trabalho e é daquelas pessoas que emanam honra.

Dona Vitória, com seu jeito mais reservado, transmitiu os mistérios de uma mulher aguerrida que sabe bem o que não quer mais.

Dona Rosa parece carregar em sua personalidade a delicadeza de uma flor. Os espinhos são suas histórias, mas não foram capazes de afetar a sua sutileza.

Seu Pedro me levou para viajar no tempo. É como se ele fosse capaz de projetar imagens e sensações na mente de outras pessoas. Passei por Minas Gerais — naquele campo cheio de gado e plantação; pela Vila Parisi — marginalizada e cinza como o cansaço; e pelo Rio Branco em meados da década de 70 — caótico e de cor sépia, como em fotografias antigas.

Buscando convergências de vida para discutir caminhos da educação, facilmente foi possível se perder no emaranhado de interpretações:

Narrativas que reforçam a pavimentação como demanda histórica do bairro e fundamental à dignidade. Urbanização como direito e bem estar primários, e enquanto promotora da mobilidade — que é ponto chave para que a vida aconteça.

As dificuldades e os sofrimentos diversos, delimitados pela classe social. Trajetórias marcadas por desigualdades e pela busca de melhores condições de vida.

Os machucados que permaneceram e que foram rememorados durante os depoimentos.

O conforto e a conformação atual diante das adversidades do passado, e a falta de acesso aos recursos de bem estar que são — ou deveriam ser — básicos.

Os desdobramentos das injustiças socioambientais, como o racismo ambiental, que é explanado pelos moradores mesmo sem eles conhecerem o termo. As denúncias a respeito da instalação de um lixão no bairro.

Os descaminhos que a educação toma diante das desigualdades. A falta de acesso à EA por questões geracionais e sociais.

As narrativas convergem, dessa forma, para uma trama baseada no passado de alguém que, marcado pela classe social, vai em busca de uma vida melhor; quase que com o desejo de quebrar ciclos de pobreza e sofrimento para mudar os rumos das próximas gerações.

As convergências vão muito no sentido da luta por questões básicas para uma vida melhor: a casa própria e o cuidado com a família de dona Ana e seu Cícero; a liberdade e a dignidade de dona Vitória e dona Rosa; a possibilidade de uma vida para além da roça de seu Pedro; o desenvolvimento urbano do bairro Rio branco para todos eles.

Nesse sentido, quando se batalha por questões que são — ou deveriam ser — básicas, todo o resto fica para depois. A educação ambiental pode ficar para depois, mas a fome não. As discussões sobre o colapso ambiental podem ficar para depois, mas a moradia não. A consciência de classe pode ficar para depois, mas a saúde não. Torna-se compreensível o porquê de muitas coisas.

Seja por questão geracional ou outra, a educação, assim como a EA — sua face — não é acessível a todos.

Os resultados e as discussões aqui trazidos são o objeto da metodologia empregada. A história oral, centrada na narrativa humana, coloca pesquisadores em contato com os depoimentos das pessoas, e o resultado dessa interação é um compilado de memórias, análises sociais, comparações, e ensaios que permeiam as artes e a subjetividade.

Dessa forma, os objetivos deste trabalho foram alcançados: houve identificação e análise de evidências das desigualdades socioambientais vivenciadas por moradores do bairro Rio Branco de São Vicente, SP; as políticas ambientais do município foram mapeadas; as convergências nas histórias de vida foram encontradas; e os caminhos da educação, articulados às histórias de vida, às desigualdades socioambientais e aos princípios da EA sintrópica, foram discutidos.

As principais contribuições do trabalho estão no campo da EA, por discorrer sobre a vertente sintrópica, colaborar com seu acervo teórico, e nutrir a ideia de que ações educacionais contextualizadas com as realidades são mais significativas. Nesse quadro, a escuta das narrativas atua como um processo sintrópico no campo educativo: organiza os fragmentos de memórias dispersas e os transforma em energia pedagógica, capaz de regenerar o sentido da educação para aqueles que sempre foram silenciados. Ademais, contribui também para a valorização de narrativas não dominantes, levando-as para transitar na ciência e ocupar também esse espaço, e para a visibilidade do bairro Rio Branco no campo da pesquisa acadêmica.

Já as limitações incluem investigações, especialmente sobre a EA, que poderiam ter sido mais profundas: nas escolas e projetos do bairro, e na prefeitura municipal. No mais, a dificuldade de acesso a informações oficiais precisas sobre a área de transbordo (lixão) no Rio Branco reforça a importância das fontes orais como contraponto ao discurso institucional.

Os achados apontam possibilidades de continuidades: as narrativas e as convergências de vida — bem como as divergências, quando exploradas — são a base para o desenvolvimento de ações em EA sintrópica, seja no ensino formal ou informal. A questão do lixão no bairro (este achado “não planejado” que surgiu durante as entrevistas) aponta a eficácia da história oral. Nesse sentido, a pesquisa acabou servindo também como um registro de resistência política da comunidade frente a um decreto autoritário de 2025.

Quanto à pergunta de pesquisa⁴⁷, a discussão das dimensões socioambientais deve se iniciar com a escuta. Em um processo educacional dialógico, torna-se possível fomentar debates complexos e contextualizados, abordando o que é

⁴⁷ Como discutir as dimensões socioambientais quando as injustiças restringem acessos?

necessário e o que faz sentido para os envolvidos. Sabendo que a desigualdade limita o acesso à EA, não existe resolução que acessibilize o ensino de forma global, porque o nível do problema é sistêmico. Entretanto, aqui, acredita-se que entender os contextos e escutar as narrativas das pessoas são passos importantes para acessibilizar e tornar mais significativos os processos educativos, ainda que não perfeitos.

Por fim, a EA é diálogo e é feita por pessoas e seus laços com a vida. Dessa forma, reafirma-se aqui a importância das narrativas não dominantes no campo educacional; e da caminhada em busca de possibilidades de outras formas de vida e resistência no mundo. Formas que nutrem relações planetárias harmônicas diante dos descaminhos criados pela desigualdade socioambiental.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

ACPO-ASSOCIAÇÃO DE COMBATE AOS POLUENTES. Preocupações da população com sua saúde. **Relatório de avaliação de risco à saúde por exposição a resíduos perigosos em áreas de Itanhaém e São Vicente/SP**, 2007. Disponível em:

https://acpo.org.br/saudeambiental/CGVAM/02_Avaliacao_de_Risco/01_baixada_santista_sp/04_preocupacoes_da_populacao.pdf. Acesso em: 05 mar. 2025.

ACSELRAD, H. Ambientalização das lutas sociais-o caso do movimento por justiça ambiental. **Estudos avançados**, v. 24, n. 68, p. 103-119, 2010.

ACSELRAD, Henri; CAMPELLO, Cecília; BEZERRA, Gustavo. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AFONSO, C. M. Transformação ambiental e paisagística na Baixada Santista, SP. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 20, p. 85-130, 2005.

ALCANTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 40, n. 1, p. 231-251, 2017.

ALENCAR, S. S. S. **Injustiças socioambientais perpetradas em Aurizona (MA): uma análise à luz do Acordo de Escazú**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

ALMEIDA, D. Mais de 335 mil pessoas vivem em situação de rua no Brasil. **Agência Brasil**, Brasília, 18 abr. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2025-04/mais-de-335-mil-pessoas-vivem-em-situacao-de-rua-no-brasil>. Acesso em: 15 nov. 2025.

AMORIM, R. R.; OLIVEIRA, R. C. de. As unidades de paisagem como uma categoria de análise geográfica: o exemplo do município de São Vicente-SP. **Sociedade & natureza**, v. 20, p. 177-198, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **As impurezas do branco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARAÚJO OLIVEIRA, L.; CRUZ, L. G. M. VULNERABILIDADE SOCIAL E ÁREAS SUSCETÍVEIS A INUNDAÇÕES: UM ESTUDO SOBRE AS REGIÕES LITORÂNEAS DE SANTOS E SÃO VICENTE. In: XX Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, João Pessoa, 2024. **Anais [...]**. Realize Editora, 2024.

ASSAD, L. Apresentação-lixo: uma ressignificação necessária. **Ciência e Cultura**, v. 68, n. 4, p. 22-24, 2016.

ASSUNÇÃO, A. A.; ABREU, M. N. S. Pressão laboral, saúde e condições de trabalho dos professores da Educação Básica no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, 2019.

BANDEIRA, N. F. B. **A política nacional e a política municipal de resíduos sólidos aplicadas à circunscrição municipal de São Vicente, estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2022.

BARATA, G. TOSTA, I. Década do Oceano. **Jonal da Unicamp**. Campinas, 2022. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/artigos/um-oceano/decada-do-oceano/>. Acesso em: 23 jan. 2026.

BARROS, F. G. N.; AMIN, M. M. Água: um bem econômico de valor para o Brasil e o mundo. **Revista brasileira de gestão e desenvolvimento regional**, v. 4, n. 1, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BORGES, Ernesto Pinheiro. O conceito de entropia e sua generalização. In: JUNIOR, Olival Freire; GRECA, Ileana; EL-HANI, Charbel. **CIÊNCIAS NA TRANSIÇÃO DOS SÉCULOS: Conceitos, práticas e historicidade**. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 165-208. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Olival-Junior-2/publication/269653351_Ciencias_na_transicao_dos_seculos_conceitos_praticas_e_historicidade/links/566c377808ae62b05f085dd1/Ciencias-na-transicao-dos-seculos-conceitos-praticas-e-historicidade.pdf#page=165. Acesso em: 15 jul.2025.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANCO, E. P.; ROYER, M. R.; DE GODOI BRANCO, A. B. A abordagem da Educação Ambiental nos PCNs, nas DCNs e na BNCC. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 29, n. 1, 2018.

BRANDÃO, T. O.; GERMANDO, I. M. P. Experiência, memória e sofrimento em narrativas autobiográficas de mulheres. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, p. 5-15, 2009.

BRASIL. Constituição de 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [2018]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 23 nov. 2024.

BRASIL. Lei No 6.938, de 31 de agosto de 1981. **Política Nacional do Meio Ambiente**. Brasília, 1981. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm. Acesso em: 20 out. 2024.

BRASIL. LEI Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Brasília, 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF, [2018]. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 12 out 2024.

CARDOSO, V. Z. Contar o passado, confabular o presente: performances narrativas, poética e as construções da história. **Terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance**. Florianópolis: EdUFSC, 2013.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Selo Negro, 2015.

CHAGAS, A. M. A IMPORTÂNCIA DA PAVIMENTAÇÃO URBANA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL E QUALIDADE DE VIDA. **LUMEN ET VIRTUS**, v. 16, n. 46, 2025.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista portuguesa de educação**, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

COMPARATO, F. K. Capitalismo: civilização e poder. **Revista Estudos Avançados**, v. 25, n. 72, 2011.

COMPLEXO portuário de Santos. **Porto de Santos**, [20–]. Disponível em: <https://www.portodesantos.com.br/conheca-o-porto/o-porto-de-santos/>. Acesso em: 19 jan. 2026.

COSTA, C. São Sebastião é o primeiro município do Sudeste a ter todas as escolas certificadas com o Selo Escola Azul. **Jornal da USP**. São Paulo, 2025.

CUBATÃO continua sendo um dos principais polos industriais do Brasil. **Diário do Litoral**, 2024. Disponível em: <https://www.diariodolitoral.com.br/cubatao/cubatao-continua-sendo-um-dos-principais-polos-industriais-do-brasil/180758/>. Acesso em: 19 jan. 2026.

DA PONTE pra cá. **RACIONAIS MC'S**. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/64144/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

DIB-FERREIRA, D. R. **As diversas visões do lixo**. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

DINIZ, B. L. R. **Antes que as memórias se apaguem: a Educação Sexual de mulheres idosas e suas representações sobre a sexualidade feminina**. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2022.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Editora MINA, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2025.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

FANTAPPIÈ, L. Sull'interpretazione dei “potenziali anticipati” dela meccanica ondulatoria e su um “principio di finalit ” che ne discende. **Reale Accademia d'Italia**. Rendiconti dela classe di scienze fisiche, matematiche e naturali, v. 4, f. 1-5, s. 7, p. 81-86, 1943.

FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 37, 2020.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Tradução: Leonor Martinho Simões e Gisela Moniz. Lisboa: 2. ed. Portugal: Editorial Presença, 1989.

FERNANDES, L. G.; SANSOLO, D. G. Percepção ambiental dos moradores da cidade de São Vicente sobre os resíduos sólidos na Praia do Gonzaguinha, SP, Brasil. **Revista de Gestão Costeira Integrada**, v. 13, n. 3, p. 379-389, 2013.

FOSTER, John. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2023. 384 p.

FRANCO, T. Alienação do trabalho: despertencimento social e desenraizamento em relação à natureza. **Caderno CRH**, v. 24, p. 171-191, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 60. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GIL, C. Z. de V.; MEINERZ, C. B. Educação, patrimônio cultural e relações étnico-raciais: possibilidades para a decolonização dos saberes. **Horizontes**, v. 35, n. 1, p. 19–34, 2017.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, p. 57-63, 1995.

GOMES, C. S. F.; GUERRA, M. das G. G. V. Educação dialógica: uma perspectiva de Paulo Freire para o mundo da educação. **Revista Popular**, Uberlândia, v. 3, 2020.

GRAWITZ, Madeleine. **Métodos y técnicas de las ciencias sociales**. Barcelona: Hispano Europea, 1975.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista brasileira de educação**, n. 14, p. 108-130, 2000.

HERCULANO, S. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **Revista de gestão integrada em saúde do trabalho e meio ambiente**, v. 3, n. 1, p. 1-20, 2008.

HERCULANO, Selene; PACHECO, Tânia. Racismo ambiental, o que é isso. Rio de Janeiro: **FASE**, 2006.

HOLMER, S. A. **Histórico da educação ambiental no Brasil e no mundo**. Salvador: UFBA, Instituto de Biologia, 67 p., 2020. ISBN: 978-65-5631-047-3.

IBGE. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 30 nov. 2024.

IBGE. **Estudo das Informações não Estruturadas (Eine) do Endef e sua integração com os dados quantificados**. Rio de Janeiro: IBGE. 1976.

IBGE. **Estudo Nacional da Despesa Familiar - Manual de instruções**. 1974. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc0475.pdf. Acesso em: 05 mai. 2025.

ISOLADO, POVO INTERDITA ESTRADA. **Jornal A Tribuna**, Santos, 17 jan. 1984, p. 26. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1980&authoken=eyjhbgiioijuzuxmij9.eyJzdwiioijlbglyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=47248. Acesso em: 20 jan. 2026.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

JARDIM Rio Branco ainda espera por escola do 1º grau. **Jornal A Tribuna**, Santos, 30 set. 1980, p. 8. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1980&authoken=eyjhbgiioijuzuxmij9.eyJzdwiioijlbglyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=3994. Acesso em: 20 jan. 2026.

JARDIM Rio Branco só tem problemas. **Jornal A Tribuna**, Santos, 26 fev. 1989, p. 18. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1980&authoken=eyjhbgiioijuzuxmij9.eyJzdwiioijlbglyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=114006. Acesso em: 20 jan. 2026.

JARDIM Rio Branco um grande loteamento. **Jornal A Tribuna**, Santos, 1 mai. 1956, p. 20. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1950&authoken=eyjhbgiioijuzuxmij9.eyJzdwiioijlbglyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=34074. Acesso em: 19 jan. 2026.

JARDIM, J. P.; UMBELINO, G. Mapeamento de áreas verdes e da arborização urbana: estudo de caso de Diamantina, Minas Gerais. **Revista Espinhaço**, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KAMBEBA, M. W. Carta dos povos da floresta à sociedade não indígena em tempos de pandemia e violências. **Sens public**, n. SP1656, 2022.

KNEIB, E. C. Mobilidade e centralidades: reflexões, relações e relevância para a vida urbana. In: KNEIB, E. C. **Projeto e cidade: centralidades e mobilidade urbana**. Goiânia: Gráfica UFG, p. 15-40, 2014.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAYRARGUES, P. P. O desafio empresarial para a sustentabilidade e as oportunidades da educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B. **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: CRA, v. 1, p. 96-110, 2003.

LAYRARGUES, P. P. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da educação ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. **Revista contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, 2012.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. da C. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & sociedade**, v. 17, p. 23-40, 2014.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de saúde coletiva**, v. 30, n. 02, 2020.

LIPAI, E. M.; LAYRARGUES, P. P.; PEDRO, V. V. Educação ambiental na escola: tá na lei. **Conceitos e práticas em educação ambiental na escola**, p. 23-35, 2007.

LOPES, D. M. **Necroeducação, diversidade e inclusão: um estudo etnográfico sobre a formação básica de adolescentes calungas**. Dissertação (Mestrado em Mídia e Tecnologia) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2023.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. 1. ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

LUEDY, L. A ecologia de Marx: materialismo e natureza. **Crítica Marxista**, v. 32, n. 59, 2025.

MAGAROTTO, M.; MADUREIRA, H.; COSTA, M. FRAGMENTAÇÃO E DIMINUIÇÃO DOS ESPAÇOS NATURAIS NAS CIDADES: TENDÊNCIAS GERAIS E ESPECIFICIDADES LOCAIS. **Livro de Atas do XVI Colóquio Ibérico de Geografia**, 2018.

MARQUES, A. C. C. **Análise e considerações sobre o deslocamento (ruptura) de uma estrutura de arrimo convencional em uma encosta da Ilha Porchat, São Vicente**. Trabalho de Conclusão de Curso (Engenharia Civil) – Universidade Estadual Paulista, Guaratinguetá, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História Oral, como fazer, como pensar. São Paulo: **Contexto**, 2017.

MELLO, K. *et al.* Dinâmica da expansão urbana na zona costeira brasileira: o caso do município de São Vicente, São Paulo, Brasil. **Revista de Gestão Costeira Integrada**, v. 13, n. 4, p. 539-551, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINAYO, M. C. de S. Origem inusitada da pesquisa qualitativa em ciências sociais no Brasil. **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v.27, n.3, jul.-set. 2020, p.919-932.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, Antonio Pedro. **Técnicas que fazem uso da Palavra, do Olhar e da Empatia: Pesquisa Qualitativa em Ação**. São Paulo: Editora Hucitec; 2019.

MORADORES reclamam de lixo no Parque Ecológico Sambaiaatuba. **G1**, Santos, 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2012/11/moradores-reclamam-de-lixo-no-parque-ecologico-sambaiaatuba.html>. Acesso em: 22 jan. 2026.

MORAES, I. P. **MULHERES DA HORTA: um estudo sobre os impactos causados pelo “lixão” em uma comunidade de agricultura familiar no Uriboca, Marituba, Pará**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História Agrária da Amazônia Contemporânea) – Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2019.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

MOROSINI, M. C.; NASCIMENTO, L. M.; NEZ, E. Estado de conhecimento: a metodologia na prática. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 55, p. 448-459, 2021.

MOSCA, G. A classe dirigente. In: SOUZA A. **Sociologia Política**, Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

MOURA, L. F. J. **Os subgêneros do funk: entendendo um dos gêneros cancionais mais populares do Brasil e suas vertentes**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

NA câmara, problemas com o Rio Branco. **Jornal A Tribuna**, Santos, 16 out. 1976, p. 8. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1970&authoken=eyjhbgtciioijuzuxmij9.eyjzdwioijlbglyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzcxnh0.2znkkpsg_r7mwctsypp2x4nymqav_fmllhvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=88535. Acesso em: 20 jan. 2026.

NETTO, Guilherme Franco; VILLARDI, Juliana Wotzaseki Rulli. **Ambiente, saúde, sustentabilidade: fundamentos, bases científicas e práticas**. Editora FIOCRUZ, 2024.

NEVES, J. C. S. *Mundos Brana: Buracos negros e buracos de minhoca*. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NO Rio Branco, isolamento é o maior problema. **Jornal A Tribuna**, Santos, 9 jul. 1978, p. 25. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1970&authoken=eyjhbfgcioijuzuxmij9.eyJzdwiioijlbglzyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3njk0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njb4nzxkxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=108278. Acesso em: 20 jan. 2026.

NOELLI, F. S. **Não há colonialismo sem tekoába: Uma arqueologia das relações e da materialidade entre Tupiniquim e Portugueses na Capitania de São Vicente, Brasil (1502-1700)**. Tese (Doutorado em Arqueologia e Pré-História) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2025.

NOTÍCIAS de Samaritá. **Jornal A Tribuna**, Santos, 19 out. 1958, p. 22. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1950&authoken=eyjhbfgcioijuzuxmij9.eyJzdwiioijlbglzyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3njk0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njb4nzxkxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=52296. Acesso em: 20 jan. 2026.

NOVO caso de criança com defeito congênito. **Jornal A Tribuna**, Santos, 24 nov. 1981, p. 7. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1980&authoken=eyjhbfgcioijuzuxmij9.eyJzdwiioijlbglzyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3njk0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njb4nzxkxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=17460. Acesso em: 20 jan. 2026.

NUNES, R. R.; SILVA, R. da. Transbordo de resíduos sólidos. **Revista Pensar Engenharia**, v. 3, n. 1, p. 1-18, 2015.

OLIVATTO DA SILVA, J. A autonomia kantiana e o enredo da exclusão: análise das condições sócio-históricas brasileiras geradas pelo processo colonizador. **Revista Bioética**, vol. 20, núm. 1, 2012.

OPENAI. Reconstrução fotográfica do bairro Rio Branco na década de 70. **ChatGPT**. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 22 jan. 2026.

PACHECO, T. Terra e território à luz do mapa da injustiça ambiental e saúde no Brasil. **Tempo e Presença Digital**, v. 21, n. 5, 2010.

PACHECO, T.; FAUSTINO, C. *In*: PORTO, M. F.; PACHECO, T.; LEROY, J. P. **A iniludível e desumana prevalência do racismo ambiental nos conflitos do mapa**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

PAULA XAVIER, Juarez Tadeu. Necroestado, negrogoverno, necropolítica racial e a resistência negra no Brasil. **Revista Parlamento e Sociedade**, v. 10, n. 18, p. 23-38, 2022.

PAULINO, L. P. **As percepções dos atores do turismo, o patrimônio e a atratividade cultural em São Vicente (SP)**. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

PAZOTO, C.; DUARTE, M.; SILVA, E. Cultura Oceânica e escola: a percepção do professor sobre o ensino de conteúdos relacionados aos ambientes marinhos. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 40, n. 2, p. 127-152, 2023.

PEREIRA, G. G.; CASTRO, S. F. IMPACTOS DA DESIGUALDADE: AS RELAÇÕES ENTRE AS ESTRUTURAS SOCIAIS E SAÚDE MENTAL. **Fundação Presidente Antônio Carlos FUPAC/UBÁ**, 2020.

PEREIRA, P. do N. **Projetos educativos do ensino médio à luz da educação ambiental sintrópica e da psicologia histórico-cultural: reflexões sobre a formação científica e cidadã**. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2025.

PERZ, S. G. *et al.* Mudanças em Infra-estrutura, Agência Humana e Resiliência em Sistemas Socio-ecológicos: Arcabouço Teórico e Abordagem Metodológica. *In*: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER) > 46º Congresso, Rio Branco, 2008.

PINHEIRO, M. A. A.; TALAMONI, A. C. B. **Educação Ambiental sobre Manguezais**. São Vicente: UNESP, Instituto de Biociências, Câmpus do Litoral Paulista, 2018. Disponível em: <https://crusta.com.br/wp-content/uploads/2025/10/03-Educacao-Ambiental-sobre-Manguezais.pdf>. Acesso em: 13 out. 2025.

PIRES, T. M. S.; NEVES, F. M.; RONE, M. N. B. A abordagem das mudanças climáticas na Educação Ambiental de escolas públicas: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 20, n. 3, p. 351-373, 2025.

PORTO, M. F. S. *et al.* Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, **Brasi. Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, p.1503-1514, 2004.

PUJOL, G. Davi Kopenawa: “O povo da mercadoria não ama a vida, nem a água, nem a floresta”. **Instituto Humanitas Unisinos**. Rio Grande do Sul, 2025.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

QUIJANO, A. **Coloniality of power, eurocentrism, and Latin American, en Nepantla**. Views from South, Durham, N. C.: Duke University, 1.3, 2000.

RABAIOLLI, B.; MEDVEDOVSKI, N. S. A pavimentação proporcionando melhorias no espaço urbano e na qualidade de vida do usuário. In: **2º Congresso Internacional Sustentabilidade e Habitação de Interesse Social**, 2012, Porto Alegre. Anais [...]. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/naurb/files/2015/09/re_puc_bruna.pdf. Acesso em: 05 jul. 2024.

REIGOTA, M. Educação Ambiental brasileira: a contribuição da nova geração de pesquisadores e pesquisadoras. **Revista Interações**, v. 5, n. 11, 2009.

REIVINDICADO acesso ao Rio Branco. **Jornal A Tribuna**, Santos, 12 nov. 1987, p. 8. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1980&authoken=eyjhbgiioijuzuxmij9.eyjzdwiioljlbglzyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzkxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=96275. Acesso em: 20 jan. 2026.

RIBEIRO, T. S. *et al.* Segregação urbana e crise climática: um ensaio a partir do caso de São Paulo. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 103-114, nov. 2025. Edição Especial COP 30. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/brua35art8.2025>.

RIBEIRO, W. C. Justiça espacial e justiça socioambiental: uma primeira aproximação. **Estudos avançados**, v. 31, p. 147-165, 2017.

RODRIGUES, B. A. C. **Etnografias de infâncias calungas: um estudo sobre o cotidiano de crianças de um bairro periférico em São Vicente/SP**. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciências da Saúde) –Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2019.

SAMARITÁ: de quem são estas terras? **Jornal A Tribuna**, Santos, 10 set. 1978, p. 28. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1970&authoken=eyjhbgiioijuzuxmij9.eyjzdwiioljlbglzyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzkxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=110549. Acesso em: 19 jan. 2026.

SAMARITÁ-terrenos. **Jornal A Tribuna**, Santos, 27 jun. 1956, p. 14. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1950&authoken=eyjhbgcioijuzuxmij9.eyjzdwioijlbglyweuyw5nzwxb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzcxnh0.2znkkpsg_r7mwctsypp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=35232. Acesso em: 20 jan. 2026.

SANTOS é a cidade mais vertical do Brasil, segundo Censo 2022. **G1**, Santos, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2024/02/23/santos-e-a-cidade-mais-vertical-do-brasil-segundo-censo-2022.ghtml>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SANTOS, A. N. S. *et al.* Necropolítica indígena: causas e motivações do extermínio indígena no Brasil a partir da perspectiva do “processo civilizador” de Norbert Elias e da “política da morte” de Achille Mbembe. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, v. 22, n. 10, 2024.

SANTOS, R. S. S. dos. **Olhares a respeito da educação ambiental no currículo de formação inicial de professores**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SÃO VICENTE. **Boletim Oficial Eletrônico do Município**. Prefeitura Municipal de São Vicente. São Vicente, SP, 2025. Disponível em: <https://www.saovicente.sp.gov.br/transparencia/bom-bom-edicao-480-versaoimpressao.pdf/view>. Acesso em: 07 dez. 2025.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **DECRETO Nº 6.634, DE 26 DE SETEMBRO DE 2024**. Institui o Comitê Gestor Intersecretarial de Justiça Climática para execução e acompanhamento do Convênio nº 1017317-2024 celebrado entre a Prefeitura Municipal de São Vicente e a Universidade de São Paulo. São Vicente, SP, 2024a. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vice/decreto/2024/664/6634/decreto-n-6634-2024-institui-o-comite-gestor-intersecretarial-de-justica-climatica-para-execucao-e-acompanhamento-do-convenio-n-1017317-2024-celebrado-entre-a-prefeitura-municipal-de-sao-vice-e-a-universidade-de-sao-paulo?r=p>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **DECRETO Nº 6.673, DE 18 DE NOVEMBRO DE 2024**. Regulamenta a Lei Complementar nº 900, de 18 de junho de 2018, que instituiu o Fundo Municipal de Saneamento Ambiental e Infraestrutura no Município de São Vicente, e dá outras providências. São Vicente, SP, 2024b. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vice/decreto/2024/668/6673/decreto-n-6673-2024-regulamenta-a-lei-complementar-n-900-de-18-de-junho-de-2018-que-instituiu-o-fundo-municipal-de-saneamento-ambiental-e-infraestrutura-no-municipio-de-sao-vice-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI COMPLEMENTAR Nº 1.164, DE 02 DE JULHO DE 2024**. Dispõe sobre a Política Municipal de Resíduos Sólidos do município de São Vicente e dá outras providências. São Vicente, SP. Legislação Municipal de São Vicente/SP, 2024c. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-complementar/2024/117/1164/lei-complementar-n-1164-2024-dispoe-sobre-a-politica-municipal-de-residuos-solidos-do-municipio-de-sao-vicente-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 20 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 1354-A**. INSTITUI NO MUNICÍPIO A SEMANA DA RECICLAGEM DE LIXO, A SER COMEMORADA ANUALMENTE NO PERÍODO DE 1º A 7 DO MÊS DE ABRIL. São Vicente, SP, 2003. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2003/135/1354/lei-ordinaria-n-1354-2003-institui-no-municipio-a-semana-da-reciclagem-de-lixo-a-ser-comemorada-anualmente-no-periodo-de-1-a-7-do-mes-de-abril?r=p>. Acesso em: 20 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 1549-A (Regulamentada pelo Decreto nº 2189/2005)**. INSTITUI O PROGRAMA MUNICIPAL DECONSERVAÇÃO E USO RACIONAL DE ÁGUA EM EDIFICAÇÕES E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. São Vicente, SP, 2005. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2005/154/1549/lei-ordinaria-n-1549-2005-institui-o-programa-municipal-deconservacao-e-uso-racional-de-agua-em-edificacoes-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 18 set. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 1890-A. (Redação dada pelo Decreto nº 2554/2007)**. DISPÕE SOBRE A OBRIGATORIEDADE DE OBSERVAÇÃO DE COTA DE 30% DE ESPÉCIMES FRUTÍFERAS NO PLANTIO OU REPOSIÇÃO DE ÁRVORES NO MUNICÍPIO. São Vicente, SP, 2007. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2007/189/1890/lei-ordinaria-n-1890-2007-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-de-observacao-de-cota-de-30-de-especimes-frutiferas-no-plantio-ou-reposicao-de-arvores-no-municipio?r=p>. Acesso em: 13 set. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 1965-A**. INSTITUI PROGRAMA DE ENSINO DE COLETA SELETIVA DE LIXO, A SER IMPLANTADO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE SÃO VICENTE, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. São Vicente, SP, 2008. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2008/196/1965/lei-ordinaria-n-1965-2008-institui-programa-de-ensino-de-coleta-seletiva-de-lixo-a-ser-implantado-nas-escolas-publicas-do-municipio-de-sao-vicente-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 20 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2.529-A**. Dispõe sobre a colocação obrigatória de adesivos educativos com o texto "NÃO JOGUE LIXO PELA JANELA: VAMOS MANTER A CIDADE LIMPA" no espaço interno de todos os ônibus, micro-ônibus e peruas utilizados no sistema municipal de transporte coletivo público ou privado de passageiros e alunos e dá outras providências. Proc. nº 56212/10. São Vicente, SP, 2010a. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2010/252/2529/lei-ordinaria-n-2529-2010-dispoe-sobre-a-colocacao-obrigatoria-de-adesivos-educativos-com-o-texto-nao-jogue-lixo-pela-janela-vamos-manter-a-cidade-limpa-no-espaco-interno-de-todos-os-onibus-micro-onibus-e-peruas-utilizados-no-sistema>

municipal-de-transporte-coletivo-publico-ou-privado-de-passageiros-e-alunos-e-da-outras-providencias?r=p. Acesso em: 20 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2162-A**. INSTITUI O PROGRAMA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. São Vicente, SP, 2009a. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2009/216/2162/lei-ordinaria-n-2162-2009-institui-o-programa-municipal-de-educacao-ambiental-e-consciencia-ecologica-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 30 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2167-A**. ALTERA O ART. 3º DA LEI Nº 1738-A/06, QUE DISPÕE SOBRE RECICLAGEM E UTILIZAÇÃO DE MATERIAL RECICLADO, NO ÂMBITO DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. São Vicente, SP, 2009b. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2009/216/2167/lei-ordinaria-n-2167-2009-altera-o-art-3-da-lei-n-1738-a-06-que-dispoe-sobre-reciclagem-e-utilizacao-de-material-reciclado-no-ambito-da-administracao-municipal-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 30 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2244-A**. DISPÕE SOBRE A OBRIGATORIEDADE DE COLOCAÇÃO DE RECIPIENTES DE LIXO ELETRÔNICO NAS DEPENDÊNCIAS DE TODOS OS ESTABELECIMENTOS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO. São Vicente, SP, 2009c. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2009/224/2244/lei-ordinaria-n-2244-2009-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-de-colocacao-de-recipientes-de-lixo-eletronico-nas-dependencias-de-todos-os-estabelecimentos-da-rede-municipal-de-ensino?r=p>. Acesso em: 30 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2280-A. (Regulamentado pelos Decretos nº 3018/2010 e nº 3295/2011)**. CRIA O FUNDO MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. São Vicente, SP, 2009d. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2009/228/2280/lei-ordinaria-n-2280-2009-cria-o-fundo-municipal-de-meio-ambiente-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 21 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2305-A**. DISCIPLINA O PLANTIO DE ÁRVORES NOS PASSEIOS PÚBLICOS DO MUNICÍPIO, QUANDO DA APROVAÇÃO DE QUALQUER PROJETO ARQUITETÔNICO E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. São Vicente, SP, 2010b. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2010/230/2305/lei-ordinaria-n-2305-2010-disciplina-o-plantio-de-arvores-nos-passeios-publicos-do-municipio-quando-da-aprovacao-de-qualquer-projeto-arquitetonico-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 15 set. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2388-A**. AUTORIZA O PODER EXECUTIVO A CELEBRAR CONVÊNIO COM A ASSOCIAÇÃO RECICLANIP, OBJETIVANDO DESENVOLVER AÇÕES CONJUNTAS E INTEGRADAS, COM VISTAS À PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE, ATRAVÉS DA DESTINAÇÃO AMBIENTALMENTE ADEQUADA DOS PNEUMÁTICOS

INSERVÍVEIS. São Vicente, SP, 2010c. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2010/238/2388/lei-ordinaria-n-2388-2010-autoriza-o-poder-executivo-a-celebrar-convenio-com-a-associacao-reciclanip-objetivando-desenvolver-acoes-conjuntas-e-integradas-com-vistas-a-protecao-do-meio-ambiente-atraves-da-destinacao-ambientalmente-adequada-dos-pneumaticos-inserviveis?r=p>. Acesso em: 20 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2441-A**. DISPÕE SOBRE A INCLUSÃO DA DISCIPLINA "RECICLAGEM E CONSCIENTIZAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA LIMPEZA DA CIDADE" NA GRADE EXTRACURRICULAR DAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO. São Vicente, SP, 2010d. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2010/244/2441/lei-ordinaria-n-2441-2010-dispoe-sobre-a-inclusao-da-disciplina-reciclagem-e-conscientizacao-da-importancia-da-limpeza-da-cidade-na-grade-extracurricular-das-escolas-da-rede-municipal-de-ensino?r=p>. Acesso em: 20 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2473-A**. CRIA O CALENDÁRIO MUNICIPAL DE DATAS COMEMORATIVAS DO MEIO AMBIENTE E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. São Vicente, SP, 2010e. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2010/247/2473/lei-ordinaria-n-2473-2010-cria-o-calendario-municipal-de-datas-comemorativas-do-meio-ambiente-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 20 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2475-A. (Regulamentada pelos Decretos nº 3141/2010 e nº 3149/2010)**. OFICIALIZA O GUIA DE ARBORIZAÇÃO CIDADE VERDE; CLASSIFICA COMO BEM DE INTERESSE COMUM A VEGETAÇÃO DE PORTE ARBÓREO; DISPÕE SOBRE A ARBORIZAÇÃO URBANA; DISCIPLINA A SUPRESSÃO E A PODA DE VEGETAÇÃO DE PORTE ARBÓREO; CLASSIFICA COMO DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE AS SITUAÇÕES QUE ESPECIFICA, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS. São Vicente, SP, 2010f. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2010/247/2475/lei-ordinaria-n-2475-2010-oficializa-o-guia-de-arborizacao-cidade-verde-classifica-como-bem-de-interesse-comum-a-vegetacao-de-porte-arboreo-dispoe-sobre-a-arborizacao-urbana-disciplina-a-supressao-e-a-poda-de-vegetacao-de-porte-arboreo-classifica-como-de-preservacao-permanente-as-situacoes-que-especifica-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 13 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 2477-A. (Regulamentada pelo Decreto nº 3153/2010)**. INSTITUI O PROGRAMA MUNICIPAL DE PROTEÇÃO ÀS NASCENTES E CURSOS DE ÁGUA. São Vicente, SP, 2010g. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2010/247/2477/lei-ordinaria-n-2477-2010-institui-o-programa-municipal-de-protecao-as-nascentes-e-cursos-de-agua-proc-n-36285-10?r=p>. Acesso em: 16 out. 2024.

SÃO VICENTE. Legislação Municipal de São Vicente/SP. **LEI Nº 4.546, DE 07 DE JUNHO DE 2024**. Dispõe sobre a Política Municipal de Cultura Oceânica, e dá outras providências. São Vicente, SP, 2024d. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a1/sp/s/sao-vicente/lei-ordinaria/2024/455/4546/lei-ordinaria-n-4546-2024-dispoe-sobre-a-politica-municipal-de-cultura-oceanica-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 20 out. 2024.

SÃO VICENTE. **PLANO MUNICIPAL DE GESTÃO INTEGRADA DE RESÍDUOS SÓLIDOS DE SÃO VICENTE**. São Vicente, SP, 2015. Disponível em: https://smastr20.blob.core.windows.net/conesan/Sao%20Vicente_RS_2015.pdf. Acesso em: 22 jan. 2026.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e pesquisa**, v. 31, p. 317-322, 2005.

SCHOEDINGER, S.; TRAN, L. U.; WHITLEY, L. From the principles to the scope and sequence: A brief history of the ocean literacy campaign. **NMEA Special Report**, v. 3, p. 3-7, 2010.

SE ESSA rua. **Mc Vitória**, 2025. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-vittoria/se-essa-rua/>. Acesso em 12 jun. 2025.

SEÇÃO imobiliária. **Jornal A Tribuna**, Santos, 10 out. 1958, p. 16. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1950&authtoken=eyjhbGcioijuzuxmij9.eyJzdWiiOiJlbGlzweuYW5nZwxb0bnbwfpbc5jb20ilcjlhaioje3njK0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzKXnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmLhvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=52067. Acesso em: 19 jan. 2026.

SEM ajuda, moradores tentam montar creche. **Jornal A Tribuna**, Santos, 22 ago. 1982, p. 22. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1980&authtoken=eyjhbGcioijuzuxmij9.eyJzdWiiOiJlbGlzweuYW5nZwxb0bnbwfpbc5jb20ilcjlhaioje3njK0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzKXnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmLhvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=27153. Acesso em: 20 jan. 2026.

SHIVA, V. Tres. La mirada del ecofeminismo. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**, v. 3, n. 9, p. 0, 2004.

SILVA, C. R. M. da. **O que é educação ambiental...: para cinco catadores de papelão, no centro da cidade do Rio Grande, RS**. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

SOARES, C. A geopoética da lama: dos alagados do mangue a uma estética de resistência. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 63, n. 2, p. 349-362, 2024.

SORRENTINO, M. Crise ambiental e educação. In: QUINTAS, J. S. **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**. Brasília: Ibama, 2000. p. 93-104.

SORRENTINO, M. *et al.* Educação ambiental como política pública. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 02, p. 287-299, 2005.

SOTERO, J. P.; SORRENTINO, M. A educação ambiental como política pública: reflexões sobre seu financiamento. **Anais do V Encontro da ANPPAS, Florianópolis-SC**, 2010.

SOUZA, E. M. Classe social e produção de desigualdades: uma análise culturalista de classe. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 19, n. 2, p. 181-202, 2020.

SPAZZIANI, M. L. **AMBIENTALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE Desafios e aprendizagens da sustentabilidade em uma universidade**. Tese (livre docência em Educação Ambiental) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2016.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes *et al.* **Educação Ambiental Sintrópica: ensaios para o futuro**. São Paulo: Livraria da Física, 2022.

STEFANELLI-SILVA, G. *et al.* University extension and informal education: useful tools for bottom-up ocean and coastal literacy of primary school children in Brazil. **Frontiers in Marine Science**, p. 389, 2019.

STEINBRENNER, R. M. A.; BRITO, R. de S.; CASTRO, E. R. de. Lixo, racismo e injustiça ambiental na Região Metropolitana de Belém. **Cadernos Metrôpole**, v. 22, n. 49, p. 935-961, 2020.

SUA última oportunidade. **Jornal A Tribuna**, Santos, 3 out. 1957, p. 15. Disponível em:
https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1950&authoken=eyjhbgcioijuzuxmij9.eyjzdwioijlbglyweuyw5nzwxb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=44175. Acesso em: 20 jan. 2026.

TARIFAS de ônibus geram revoltas. **Jornal A Tribuna**, Santos, 17 abr. 1984, p. 7. Disponível em:
https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1980&authoken=eyjhbgcioijuzuxmij9.eyjzdwioijlbglyweuyw5nzwxb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3nj0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzxnh0.2znkkpsg_r7mwctsyp2x4nymqav_fmhlvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=49233. Acesso em: 20 jan. 2026.

TEDESCHI, L. A. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres**. Dourados: Editora UFGD, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1051>. Acesso em: 15 out. 2024.

TIEZZI, Enzo. **Tempos históricos, tempos biológicos: a Terra ou a morte, problemas da nova ecologia**. São Paulo: Nobel, 1988.

TRÊS mil querem rede de água. **Jornal A Tribuna**, Santos, 24 mar, p. 7. 1978. Disponível em: https://acervo.atribuna.com.br/docreaderweb.com/DocReader.aspx?bib=1970&authoken=eyjhbgiioijuzuxmij9.eyjzdwioijlbglyweuyw5nzwxvb0bnbwfpbc5jb20ilcjlehaioje3njk0nzk5mtqsimlhdc6mtc2njg4nzkxnh0.2znkkpsg_r7mwctsypp2x4nymqav_fmlhvmol9znbx87zdl2vyyoyh6yyqymq7u8akgvuorfz_mrwwnmtfwz1a&hf=acervo.atribuna.com.br:444&pagfis=65591. Acesso em: 20 jan. 2026.

TULIK, O.; ROQUE, I. T. M. Turismo e cultura local: a herança histórica de São Vicente-São Paulo. **Revista Turismo em Análise**, v. 14, n. 2, p. 90-102, 2003.

VALE, M. R. S. **Tempo, memória e oralidade: uma análise da população residente da área continental de São Vicente (litoral sul de São Paulo)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Diário da navegação de Pero Lopes de Souza 1530-1532**. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1839.

VASCONCELOS MENESES, W.; LAWALL, S. Análise espaço-temporal do índice de áreas verdes no município de Nova Iguaçu-RJ. **Revista Continentes**, v.1, n.27, 2025.

VAZ, M. L. **A importância da pavimentação para a infraestrutura urbana**. Trabalho de Conclusão de Curso (Engenharia de Transportes) – Universidade Federal de Goiás, Aparecida de Goiânia, 2023.

VIDA Loka, Pt. 2. **RACIONAIS MC'S**. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/64917/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

VILARDAGA, J. C. No fluxo do Anhembi-tietê: o rio e a colonização da capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, [s. l.], 2020.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014.

VOLCEAN, T. T. **Narrativas autobiográficas: uma análise comparativa entre a obra literária Hospício é Deus: diário I (1965) e o documentário audiovisual Santiago (2007)**. Dissertação (Mestrado em comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2019.

WALSH, C. (Re)pensamiento crítico y (De)colonialidad. En: Walsh, C. (Ed.). **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Relexiones latinoamericanas**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar Ediciones Abya-Yala, 2005, p. 17-70.

WILLEMAN, E. M. O pensamento ecológico de Marx: a “ruptura metabólica” na relação humana com a natureza. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, n. 55, 2024.

ZANETI, I. C. B. B.; SÁ, L. M.; ALMEIDA, V. G. Insustentabilidade e produção de resíduos: a face oculta do sistema do capital. **Sociedade e Estado**, v. 24, p. 173-192, 2009.

ZORZI, F. B. **Democracia e entropia: uma teoria decolonial dos sistemas sociais e um estudo empírico sobre desigualdade no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Senhor/ Cara Senhora;

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa *“São Vicente “da ponte pra lá”: as narrativas de moradores do Rio Branco e seus laços com o socioambiental”*, que tem como um de seus objetivos relatar histórias de moradores do bairro Rio Branco da Área Continental de São Vicente.

A sua participação é de grande importância, pois esse trabalho vai oferecer alguns benefícios esperados:

- 1) Contribuir com discussões acerca da educação ambiental e das injustiças socioambientais;
- 2) Preencher lacunas da história do bairro Rio Branco, contribuindo com sua visibilidade no campo da pesquisa;
- 3) Valorizar narrativas que não são dominantes frente à uma lógica de exclusão.

Para isso, eu, a pesquisadora, vou entrevistá-lo/a a partir de um roteiro pré-estabelecido que vai investigar suas vivências no bairro e suas percepções sobre o ambiente. As entrevistas serão gravadas com dispositivos de gravação de áudio/vídeo e, por isso, gostaria de dizer que sua participação é totalmente voluntária, podendo, então: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo a sua pessoa. Também lhe asseguro o direito de recusar responder às questões da entrevista caso isso lhe cause qualquer constrangimento.

Digo ainda que suas informações serão utilizadas somente para os fins dessa pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar sua identidade. Não haverá cobrança de pagamento nem remuneração por sua participação. É garantido também o livre acesso a todas as informações e explicações adicionais sobre o estudo e suas consequências, bem como tudo o que você queira saber antes, durante e depois de sua participação.

Quanto aos riscos, estes podem ser: possibilidade de cansaço ou aborrecimento ao responder a entrevista, como também desconforto e vergonha e quebra de sigilo não intencional. Caso isso aconteça, você pode interromper imediatamente a sua participação na pesquisa sem que isso te traga qualquer dano ou prejuízo. Com relação à quebra de sigilo não intencional, no momento de tratamento dos dados, seu nome será substituído por nomes fictícios, de modo a preservar sua identidade.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas me contatando: Elisa Angela da Silva Santos, Rua Pero Correa, 291; Apartamento 47 – Itararé, São Vicente/SP. Telefone: (14) 9197-1211. E-mail: elisa.santos@unesp.br. Além disso, você poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) para informações ou denúncias em qualquer condição que achar necessário: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01 - Prédio Administrativo da Faculdade de Ciências - Centro, Bauru/SP. Telefone: (14) 3103-6070. Fax: (14) 3103-9400. E-mail: cepesquisa.fc@unesp.br.

Este documento será assinado, rubricado e impresso em duas vias: uma ficará com você e outra comigo, que sou a pesquisadora responsável. Caso você não possa assinar, pode designar alguém de sua confiança para que o faça, podendo esta pessoa estar presente em todos os momentos da entrevista, se quiser.

Após ter sido informado/a sobre a pesquisa, li e concordo em participar.

São Vicente, __ de _____ de 2025.

Assinatura do/da Participante da Pesquisa

Elisa Angela da Silva Santos/Pesquisadora Responsável

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

* Explicação da parte ética da pesquisa*

Anotar detalhes: vestimentas, expressão facial e corporal

1) Apresentação pessoal

- Idade; infância; relação com os/as familiares e com o trabalho/aposentadoria/casa;

2) Educação

- Onde e até quando estudou; contato com EA;

3) Relação com o bairro

- Bairro antigamente e atualmente (pedir para detalhar os ambientes); fotos/jornais de recordações de espaços do bairro;
- No bairro tem serviços o suficiente para não precisar ir sempre até o centro? O que acha dos últimos prefeitos? Percebeu alguma mudança no bairro? E no centro/praias?
- Está satisfeito/a com o bairro? Se não, o que as pessoas poderiam fazer ou teriam que aprender para que ele seja um lugar melhor?
- Quais espaços gosta de frequentar no bairro?
- O que te incomoda no bairro?

APÊNDICE C - CARTA DE CESSÃO

São Vicente, __ de _____ de 2025.

Eu,

__ de Registro Geral de Identidade número _____, brasileiro/a,
residente à _____ na cidade de
São Vicente, estado de SP, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE
USO E DIVULGAÇÃO** da minha fala e, caso seja preciso, do meu áudio, capturados
no dia __ de _____ de 2025, em entrevista a pesquisadora Elisa Angela da Silva
Santos. Declaro ainda que tive acesso à textualização desta entrevista, assim
legitimando-a, bem como os materiais advindos da mesma, ao Programa de Pós-
graduação em Educação para a Ciência, na pessoa da senhora Elisa Angela da Silva
Santos, portador do Registro Geral de Identidade número 52.209.604-9. Autorizo,
também, a ampla divulgação em mídias digitais ou outros meios.

Assinatura do/da participante da pesquisa